



## **CIRCUITOS E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO:**

assimetrias nos processos comunicacionais da produção científica de  
pesquisadores negros brasileiros

Marcus Vinicius de Jesus Bomfim<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é refletir sobre as relações raciais assimétricas na produção científica, os circuitos e circulação deste conhecimento e os processos comunicacionais do campo. Pesquisadoras e pesquisadores negros, na periferia da circulação internacional do conhecimento, usam outras estratégias para promover seu capital científico nos meios digitais, criando redes e sociabilidades para sobrepujar o racismo estrutural no campo científico. Há impactos na ordenação social, na percepção da relevância, e no acúmulo de capital no campo científico, cujas características demonstram as tensões e disputas desta produção de sentidos do fazer ciência por sujeitos racializados.

**Palavras-chave:** Circuitos e circulação do conhecimento científico. Assimetrias raciais. Divulgação científica.

### **1 INTRODUÇÃO**

Os esforços de toda uma comunidade científica de pesquisadores negros vêm alcançando maior relevância, sobretudo por conta com meios digitais para circulação do conhecimento, e do ativismo de seus próprios produtores. Sem dúvida, existe por parte de pesquisadoras e pesquisadores negros uma motivação diferente no saber fazer ciência e, também, no fazer saber. Essa pulsão, porém, ainda esbarra no racismo estrutural e, de acordo com Almeida (2018), nosso entendimento é que no imaginário social que precisamos focar nossas pesquisas, nas formas e dificuldades que ainda jazem na cultura brasileira que impedem a superação do racismo.

Beigel (2013) aponta que há uma relação clara e explícita de centro e periferia na produção de conhecimento em escala global. Portanto, é de se pensar que, o ponto de partida da produção de pesquisadoras e pesquisadores negros, vem de um subalternidade ainda maior, a periferia da periferia. A percepção do impacto da produção científica está impactada pela ordenação

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF)

social pelos meios, característica de uma mudança sociocultural da contemporaneidade. Contudo, alguns vieses permanecem, especialmente vieses raciais.

Existe uma tensão entre a mediação direta - onde situações em que uma atividade antes não mediada se converte em uma forma mediada, ou seja, a atividade é realizada através da interação com um meio. E a mediação da ciência (OLIVEIRA, 2018) está impactada pelas ideias de Hjarvard (2012) em relação a mediação indireta, quando uma determinada atividade é cada vez mais influenciada, no que diz respeito à forma, ao conteúdo ou à organização, pelos símbolos ou mecanismos midiáticos.

A pesquisa em si, dialoga com desafios presentes na divulgação das Ciências de forma mais ampla e, em seu processo de elaboração, quer colocar em perspectiva as dinâmicas dos pesquisadores negros, evidenciando seus circuitos e circulações em diferentes campos científicos. Assim, nossa proposta metodológica é parte do mapeamento da produção científica de pesquisadores negros a partir da circulação de suas pesquisas, analisando dados de impacto bibliométricos e altmétricos. Identificados os pesquisadores negros mais relevantes a partir de suas interações, selecionaremos uma amostra que nos permita categorizar as áreas do conhecimento cujos pesquisadores negros têm alcançado relevância a partir das suas mediações.

Pretendemos fazer entrevistas em profundidade para ouvir os pesquisadores e entender não só como construíram suas estratégias de mediação de seus trabalhos, mas os impulsos originais para criarem ou participarem de comunidades digitais de circulação de conhecimento científico. Em seguida, será realizada uma auditoria de imagem conforme Bueno (2005), a partir de amostra formada pelos principais veículos jornalísticos do país, para comparação e verificação, se as produções acadêmicas destes pesquisadores tem sido pautadas na mídia, as fontes científicas cada notícia, veiculação de artigos, colunas cuja exposição em mídia impressa, eletrônica e digital dialoga com os processos dos pesquisadores e das instituições que estão vinculados.

## **2 SUJEITOS RACIALIZADOS, UNIVERSIDADE RACIALIZADA**

A Universidade, como *locus* da produção científica, ao não lidar criativamente e criticamente com as mudanças socioculturais da mediação, está perdendo espaço e significado simbólico e cultural na divulgação científica. Uma vez que os indivíduos podem, sem a mediação da instituição universitária, se identificarem, promover sentidos em comum, trocar

experiências e gerar debates epistêmicos, gerando assimilações de novas práticas, conhecimentos, modelos e objetos, um universo de produção científica tornou-se passível de ser midiaticizado. Se há a presença do viés da desinformação, há também possibilidades de outros sujeitos se apropriarem da narrativas de fazer ciência e produzir conteúdos relevantes.

A compreensão do racismo na circulação e consumo de informações científicas merece atenção. Mesmo com as mídias e redes sociais digitais à disposição, a divulgação científica de pesquisas precisa alcançar os produtores do conhecimento, tanto quanto seus temas, e trazer evidências de que, sem os processos de midiaticização dos pesquisadores negros, a invisibilidade seria ainda maior, ou mesmo uma agenda de pesquisas decoloniais e contra-hegemônicas continuariam à margem do conhecimento público ou ainda como se inserem nos espaços globais de circulação científica. Porém, historicamente, pesquisadoras e pesquisadores negros tem suas produções invisibilizadas ou postas à margem do debate e do impacto científico reconhecido por seus pares. Hoje, sendo tratadas como “pautas identitárias”.

### **3 MILITÂNCIAS NEGRAS E CAPITAL CIENTÍFICO**

Fato é que pesquisadores e pesquisadoras negros enfrentam cotidianamente os desafios do acesso, da permanência e da pós-permanência no fazer ciência no Brasil. Vale a reflexão: se tantas e tantos pesquisadores se debruçam sobre o racismo, em uma sociedade que estruturalmente nega sua existência, no rigor do fazer científico, haverão defensores da ideia de que não há ali uma questão ou problema de pesquisa.

Creditamos ao que Gomes (2017) identifica como o movimento negro educador uma parcela importante dos fluxos e circuitos desta produção científica que poderia ser rotulada como militante, mas está endereçada a denunciar e resolver questões centrais da sociedade brasileira. Estamos, na segunda e terceira gerações de pesquisadoras e pesquisadores negros, que ainda estão por ocupar espaços institucionais de prestígio, para exercer o poder político institucionalizado que Bourdieu (2004) indica como pilar para o capital científico que aqui tratamos.

A análise e revisão dos processos de midiaticização, bem como os conceitos e estratégias de divulgação e comunicação científica praticados podem fornecer reflexões não só sobre as formas com as quais os pesquisadores lidam com o racismo estrutural no campo científico, mas também tornam possível uma crítica a um sistema de produção da Ciência por muitas

vezes alheio à audiência e que dialoga pouco para produzir impacto não só no seu próprio campo, mas buscar intervir na sociedade, ressignificando inclusive o papel do conhecimento científico e combatendo o contexto de desinformação generalizada na contemporaneidade.

#### **4 RECORTES ÉTNICO-RACIAIS PARA MÉTRICAS ALTERNATIVAS**

Neste tensionamento entre o sujeito negro pesquisador, racializado no seu cotidiano, encontra-se atravessado por três condicionantes do campo: 1) que no seu fazer saber científico dever estar atrelado a ideias-forças como "neutralidade"; 2) que suas pesquisas permitem a elas e eles a alcançarem uma produtividade que confira a eles e aos colegas de laboratório (pares de linha de pesquisa, grupo de pesquisa, departamento) uma certa reputação acadêmico-científica na comunidade; e 3) a sujeição a objetos de pesquisa não-racializados para que sua pesquisa tenha maior relevância em seu campo - o que pode levar ao embranquecimento e apagamento de suas inquietações em produção científica e nos usos sociais da ciência.

Por isso, a discussão de métricas alternativas outras, pode ser um dos resultados objetivos desta pesquisa, uma vez que a Altmtria ainda não possui categorias que satisfaçam critérios como interseccionalidade, decolonialidade e engajamento de comunidades, além da própria ideia de impacto social, pois queremos criticar neste trabalho a falta de diversidade na categorização nas métricas alternativas, sem a verificação dos mecanismos diretos e indiretos da mediação que revelem os circuitos e a circulação do conhecimento científico brasileiro e latinoamericano em escala global, e as questões de gênero e raça presentes.

#### **5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Vislumbramos pois, a possibilidade de avanços na concepção da altmetria, incluindo novas categorias, como a formação de colégios virtuais (Araújo e Furnival, 2016; Santos e Araújo, 2021) pois o comportamento de segmentos da comunidade negra no Brasil, por exemplo, sugerem comportamentos que se ampliam para além de uma repercussão na mídia tradicional ou, mesmo em mídias digitais, à uma busca por informação e conhecimentos.

A própria dinâmica dos processos de mediação, dentro do funcionamento da dinâmica do campo científico hoje, a nosso ver, exerce papel relevante. Uma vez que as mídias digitais permitem a estes pesquisadores postar vídeos, produzir podcasts, escrever em seus próprios

sites e blogs, discutindo sobre a midiatização da ciência e o potencial alcance dela a outros públicos e as capacidades de geração de impacto social relevante, aplicabilidade e replicabilidade do conhecimento científico produzidos por estes “outros e outras” que desafiam métricas bibliométricas e cientométricas a buscar ajustes nas métricas alternativas. Sem os devidos ajustes, a invisibilidade permanecerá.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S.L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ARAÚJO, R. F.; FURNIVAL, A.C.M. Comunicação científica e atenção online: em busca de colégios virtuais que sustentam métricas alternativas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 68-89, dez. 2016. ISSN 1981-8920. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2016v21n2p68>. Acesso em: 07 maio 2022.
- BEIGEL, M. F. Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento. **Nueva Sociedad**, Caracas, v. 245, n. 5, p. 110-123, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11336/1232>. Acesso em: 07 maio 2022.
- BORDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BUENO, W. C. Auditoria de imagem na mídia. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.345-363.
- GOMES, N. L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HJARVARD, S. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p53-91>. Acesso em 07 mai. 2022.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- OLIVEIRA, T. Midiatização da ciência: reconfiguração do paradigma da comunicação científica e do trabalho acadêmico na era digital. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 101-126, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p101-126>. Acesso em: 07 maio 2022.
- SANTOS, S. R. O.; ARAÚJO, R. F. Questões étnico-raciais em pesquisas na base dimensions: dados de produção, uso e atenção on-line. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 26, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2021.78822>. Acesso em: 07 maio. 2022.